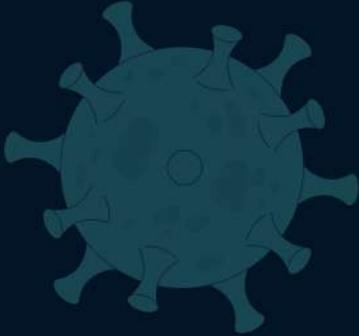


The background features a dark blue gradient with stylized elements: a stack of three books on the left, a circuit board pattern on the right, and a globe in the bottom left corner. The main title is centered in large white font.

Metodologias e Estratégias Ativas

A stylized, light blue illustration of a virus or microorganism with a central core and several protruding spikes, located to the right of the chapter title.

Capítulo 11.

**Rodas de conversa e círculo de cultura para
o Ensino de Ciência**

Copyright © 2021 Editora Livraria da Física
1ª Edição

Direção editorial: José Roberto Marinho

Revisão: Fernando Paulo Neto

Capa: Fabrício Ribeiro

Projeto gráfico e diagramação: Fabrício Ribeiro

Edição revisada segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Metodologias e estratégias ativas: um encontro com o ensino de ciências / Geraldo W. Rocha
Fernandes...[et al.]. -- São Paulo: Editora Livraria da Física, 2021.

Outros autores: Halanda de Matos Mariano,
Luana Pereira Leite Schetino, Luciana Resende Allain
ISBN 978-65-5563-154-8

1. Aprendizagem 2. Ensino - Metodologia 3. Ensino híbrido 4. Prática pedagógica 5. Tecnologia educacional I. Fernandes, Geraldo W. Rocha. II. Mariano, Halanda de Matos. III. Schetino, Luana Pereira Leite. IV. Allain, Luciana Resende.

21-86502

CDD-371.3

Índices para catálogo sistemático:
1. Métodos de ensino: Educação 371.3

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida
sejam quais forem os meios empregados sem a permissão da Editora.
Aos infratores aplicam-se as sanções previstas nos artigos 102, 104, 106 e 107
da Lei N° 9.610, de 19 de fevereiro de 1998



Editora Livraria da Física
www.livrariadafisica.com.br

CAPÍTULO 11.

RODAS DE CONVERSA E CÍRCULO DE CULTURA PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS

INTRODUÇÃO

Este capítulo se propõe a refletir sobre as **Rodas de Conversa** e os **Círculos de Cultura** para desenvolver o processo de ensino-aprendizagem na sala de aula, visto que essas atividades se diferem do ensino tradicional, podendo ser, portanto, desenvolvidas ensino de Ciências. Moura e Lima (2014, p. 29) afirmam que “As Rodas de Conversas consistem em um método de participação coletiva de debate acerca de determinada temática em que é possível dialogar com os sujeitos, que se expressam, escutam seus pares e a si mesmos pelo exercício reflexivo”. Quando pensamos em uma atividade de Ciências que envolve, por exemplo, o Círculo de Cultura proposto por Freire, acreditamos ser essa uma possibilidade para trabalhar a compreensão dos estudantes em relação aos conteúdos científicos em seu meio social, uma vez que todos estão à volta de uma equipe de trabalho que não tem um professor, mas um mediador de debates que participa de uma atividade comum em que todos se ensinam e aprendem entre si. A maior qualidade da equipe de trabalho é a participação ativa em todos os momentos do diálogo (BRANDÃO, 2005).

O QUE É?

Para Waschauer (2002, p. 47), uma Roda de Conversa é “Uma construção própria de cada grupo. [...] Constitui-se em um momento de diálogo, por excelência, em que ocorre a interação entre os participantes do grupo, sob a organização do coordenador”. Nesse sentido, entendemos que se trata de uma *estratégia* ou *atividade* que pode ser desenvolvida no ensino de Ciências.

Já Moura e Lima (2014) definem que as Rodas de Conversa podem ser empregadas como ferramenta para geração de dados utilizados na pesquisa narrativa. Ela determina um núcleo temático para cada reprodução das rodas.

Ainda, segundo os autores, o diálogo é uma etapa especial de partilha, pois implica em um exercício de fala e escuta. Nesse contexto, podemos dizer que as Rodas de Conversa também são *técnicas de coleta de informações*.

Aproveitamos para trazer também, neste capítulo, uma contribuição que vai além de, ou amplia, uma *Roda de Conversa*. Apresentamos, aqui, o que Freire (2003) define como “Círculo de Cultura”, para que possamos fazer uma reflexão sobre seu uso no ensino de Ciências. Segundo Loureiro e Franco (2012, p. 23),

uma das características do Círculo de Cultura é a importância atribuída à reflexão contextualizada dos conteúdos sociais da educação no conjunto das estratégias de análise da realidade. A reflexão contextualizada pressupõe o confronto de ideias (visões de mundo) dos educandos e do educador em que este assume papel fundamental no momento da problematização.

Percebemos que o desenvolvimento de um Círculo de Cultura pode ser organizado por uma Roda de Conversa, e que vai além da definição: atividade, estratégica ou técnica. Um Roda de Conversa e/ou um Círculo de Cultura incorporam variados interlocutores, proporcionando momentos em que se têm escutas e falas. A definição para o Círculo de Cultura, mais do que uma Roda de Conversa, aproxima-se de o que muitos estudiosos chamam de *Metodologia da Participação*, por propiciar o trabalho criativo, a participação dos atores sociais, favorecendo o processo de dialógico, a organização das ideias, o registro e a documentação dos resultados da discussão, negociação e planejamento. Assim, os posicionamentos de cada um dos participantes são compostos com base na sua relação e interação com o outro, com seu meio social e mundo, podendo cada um discordar, complementar ou consentir com as falas e reflexões que são ditas.

O QUE DIZEM?

Méllo *et al.* (2007) apontam que as Rodas de Conversa privilegiam debates em volta de um tema, que pode ser de ensino – funcionando, nesse caso, como estratégia ou atividade didática – ou ser definido em conformidade com os fins da pesquisa. Neste caso, funcionando como técnica de investigação.

Baseiam-se no método dialógico, no qual os indivíduos podem expor suas produções, mesmo divergentes, uma vez que cada sujeito estimula o outro a se articular, fazendo com que as pessoas se posicionem e aprendam a se atentar para o posicionamento alheio. Por conseguinte, coincidentemente, quando as pessoas contam suas histórias, elas procuram entendê-las através da prática de ponderar de maneira compartilhada, o que permite atribuir relevância aos acontecimentos.

Os autores Melo e Cruz (2014) fazem referência às Rodas de Conversas como um método (ou metodologia) para a implantação de “locais de diálogo” entre educadores e educandos. Eles salientam que as Rodas de Conversa, como metodologia, geram espaços de partilha, fazendo com que os indivíduos da comunidade escolar oportunizem momentos de diálogo e interação entre os mesmos. Dessa forma, os sujeitos amplificam suas concepções sobre si e acerca da rotina escolar dos demais indivíduos, favorecendo uma combinação dos saberes, concebendo aos integrantes uma conduta cooperativa no enfrentamento às questões e aos desafios existentes na escola.

Afonso e Abade (2008) salientam que as Rodas de Conversa são desenvolvidas nas metodologias dinâmicas e participativas (também consideradas como ativas), sendo que suas referências vêm da comunicação entre os autores da psicanálise, da educação, psicologia social, e sua estrutura metodológica se fundamenta e/ou embasa nas oficinas de interposição psicossocial, objetivando a criação de um ambiente no qual seus integrantes ponderem a respeito da sua rotina. Isso é, de sua junção com o trabalho, com o projeto de vida e com o mundo. Para que isso possa acontecer, as rodas necessitam ser elaboradas com um enquadramento no qual os participantes sejam capazes de se manifestar, procurando vencer seus entraves e seus medos. Para ajudá-los nesse procedimento de ruptura dos obstáculos, tal como oportunizar a interação e a comunicação, pode-se utilizar meios para incentivar o grupo, como, por exemplo, o uso de recursos recreativos ou não (AFONSO; ABADE; 2008). Assim, entendemos que as Rodas de Conversa não são metodologias, mas estratégias que possibilitam a reflexão coletiva e a reformulação e elaboração de argumentos e conceitos pelo diálogo e pela prática de ouvir o outro, podendo ser em pares ou consigo mesmo. E, ao ponderar sobre a maneira de conduzir e adotar essa estratégia/atividade, deve-se levar em consideração que o diálogo produzido simboliza o falar e o pensar de “Indivíduos com histórias de vida diferentes

e maneiras próprias de pensar e de sentir, de modo que os diálogos, nascidos desse encontro, não obedecem a uma mesma lógica” (WARSCHAUER, 2002, p. 46). Nesse sentido, podemos considerar que se trata de uma prática que está baseada no compartilhamento de experiências e vivências de indivíduos e grupos. Sendo assim, pode servir como uma etapa de avaliação diagnóstica das expectativas ou dos resultados de experiências de um determinado grupo sobre um determinado assunto.

Em relação ao “Círculo de Cultura”, Marinho (2009) nos diz que se trata de uma “ideia” ou “método” presente na obra de Freire (2003), e que substitui a sala de aula. A partir dos estudos de Freire (2003), tem-se a nomenclatura de “Círculo”, uma vez que seus participantes formam a figura geométrica do círculo, favorecendo que, nessa disposição, todos se olhem. A expressão “Cultura” está relacionada com uma interação das relações do homem com a realidade, recriando-a e buscando-se a dinamização de seu espaço no mundo. Freire (2003) aponta que o homem, no Círculo, “Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo que ele mesmo é fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura” (FREIRE, 2003, p. 51). Segundo o teórico, Círculo de Cultura refere-se ao local em que dialogicamente se ensina e se aprende, não havendo espaço para a transferência de conhecimento, mas para a construção do saber do educando com suas hipóteses de leitura de mundo.



O Círculo de Cultura foi proposto por Paulo Freire como parte do pressuposto da construção do conhecimento por meio do diálogo - fator básico e necessário à prática pedagógica democrática. Estas são características dos Círculos de Cultura: o diálogo, a participação, o respeito ao outro, o trabalho em grupo, a dinâmica de um constructo contínuo. Portanto, os Círculos de Cultura são espaços nos quais se ensina e se aprende. Espaços em que a preocupação não é simplesmente a de transmitir conteúdos específicos, mas despertar uma nova forma de construção do conhecimento de forma coletiva, através das experiências vividas.

Entendemos o Círculo de Cultura, citado anteriormente, não como um método isolado, mas como uma *estratégia* ou *metodologia* com participação ativa utilizada por um grupo para o desenvolvimento do diálogo, a partir de sua cultura, para ensinar e aprender, de acordo com as premissas de Paulo Freire (Investigação Temática, Tematização, Problematização) (BRANDÃO,

2003; MONTEIRO, 2007). Nesse sentido, tanto as Rodas de Conversa como o Círculo de Cultura apresentam possibilidades e desafios quando desenvolvidos no ensino de Ciências:



POSSIBILIDADES PARA O DESENVOLVIMENTO DE UMA RODA DE CONVERSA E/OU CÍRCULO DE CULTURA NO ENSINO DE CIÊNCIAS:

As Rodas de Conversa ou os Círculos de Cultura, por terem um perfil dialógico, acabam oportunizando um ótimo momento para se trabalhar com a oralidade em sala de aula. Ressalta-se que os alunos devem entender que comunicar não significa apenas falar, mas também poder se expressar de distintas formas em variados contextos sociais.

A troca de experiências é um dos maiores benefícios da Roda de Conversa e de um Círculo de Cultura, já que é um momento de conversas, discussões e apoios. Os discentes discutem entre si sobre o conteúdo e constroem juntos a resolução de problemas.



DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO DE UMA RODA DE CONVERSA E/OU CÍRCULO DE CULTURA NO ENSINO DE CIÊNCIAS:

Uma das desvantagens mais aparentes é o risco de os encontros tornarem-se improdutivos, pois é necessário que os participantes estejam focados na discussão a ser realizada. Qualquer outro motivo pode servir de distração, como, por exemplo, as conversas paralelas que não fazem parte da temática estudada. Nesses casos, se o moderador não conduzir a atividade de forma adequada, as conversas paralelas, as divagações e também a falta de interesse de alguns participantes podem causar conflitos nos grupos.



COMO DESENVOLVER EM SALA DE AULA?

Os pontos evidenciados a seguir podem servir como guia para que os docentes de Ciências consigam desenvolver uma Roda de Conversa ou um Círculo de Cultura em seu cotidiano. Ou seja, as sugestões pautadas a seguir são possibilidades para que o professor consiga desenvolver um planejamento do conteúdo com um objetivo claro, estabelecer as regras e intervir quando necessário, para garantir a compreensão dos temas discutidos pelos alunos.

Para desenvolver uma Roda de Conversa ou um Círculo de Cultura nas aulas de Ciências, é necessário que o docente organize um espaço adequado em que todos estejam confortáveis e possam se ver. Deve também escolher assuntos que possam ser desenvolvidos pela turma, e trazer dados que possam auxiliar na compreensão dos conteúdos científicos.

A seguir, serão apresentadas duas propostas. A primeira delas refere-se ao desenvolvimento de uma Roda de Conversa, a segunda, de um Círculo de Cultura nas aulas de Ciências.

Para a Roda de Conversa, o Quadro 1 apresenta cinco passos que podem ser seguidos em uma aula de 50 minutos, estes:

Quadro 1. Passos para desenvolver uma Roda de Conversa

1) Organização: primeiramente, deve-se colocar as cadeiras em roda. Também é importante separar os textos de apoio e demais materiais (vídeos, fotos etc.) que irão usar na Roda de Conversa. Sugere-se que o professor selecione materiais inspiradores e temas bem relevantes que queira abordar com seus alunos. Podem ser situações conflituosas, temáticas socioambientais, crises hídricas ou assuntos recentes, por exemplo, que precisam ser inseridos no cotidiano das aulas;

2) Inspiração (média de 5 minutos): com os discentes reunidos em roda, o professor inicia, apresentando o tema e utilizando algo simples e inspirador, como um texto, uma poesia, um vídeo ou uma foto da situação que será trabalhada. Para a roda funcionar bem, caso haja tumulto com muita gente falando ao mesmo tempo, o docente deve combinar anteriormente um gesto, para que todos prestem atenção ao que está acontecendo! E, com isso, os outros vão parar para ouvir o que o colega tem a dizer;

3) Reflexão (média de 20 minutos): inicie com uma pergunta, aos participantes, que tenha a ver com o conteúdo usado na etapa de inspiração, para, como isso, seguir aprofundando o tema. Como professor moderador, aqueça as discussões, unindo as ideias com neutralidade e sem tomar partido. Em outras ocasiões, o docente pode sortear alguém que está na roda para fazer o papel de mediador. Assim, estimulará a participação. Deixe a conversa seguir até o tempo determinado para a atividade;

4) Sistematização (média de 10 minutos): nesta etapa, o professor pode utilizar de diferentes estratégias para sistematizar o que foi debatido na Roda de Conversa: elaboração de cartazes, reflexões individuais, elaboração de desenhos, dramatizações etc. É importante que sejam sistematizadas as principais ideias e mensagens que os participantes trouxeram. Caso haja tempo, abra um espaço para comentários gerais e, depois, complementemente com as suas impressões e articule os conteúdos, fazendo uma conclusão do trabalho realizado pelos participantes da roda; e

5) Avaliação (média 5 minutos): avaliar o processo de aprendizagem na roda é tão importante quanto vivenciá-lo. Isso irá ajudar o professor a perceber como foi a experiência e os avanços ligados ao tema trabalhado, quais são as ações práticas que serão tomadas com base na discussão, se ainda restam dúvidas e se alguém deseja aprofundar determinado ponto. Convide os estudantes para contar como foi a experiência da roda, como eles se sentiram. Caso deseje aprofundar mais, o docente pode solicitar uma avaliação por escrito. Ao final, reconheça o esforço deles e de todos! Com isso, pode planejar os temas dos encontros seguintes.

Fonte: adaptado de Vieira (2015).

Vale ressaltar que, na Roda de Conversa, os alunos devem ter autonomia e serem **protagonistas** da aprendizagem, assim como em outras metodologias ativas que podem ser trabalhadas em conjunto.

Tomando por princípio norteador o delineamento do “Método Paulo Freire”, Monteiro (2007) diz que o desenvolvimento do Círculo de Cultura consiste em três momentos:

- a) *a investigação temática*, pela qual aluno e professor buscam, no universo vocabular do discente e da sociedade em que ele vive, as palavras e os temas centrais de sua biografia;
- b) *a tematização*, mediante a qual eles codificam e decodificam esses temas; ambos buscam o seu significado social, tomando, assim, consciência do mundo vivido; e
- c) *a problematização*, por meio da qual eles buscam superar a primeira visão ingênua por uma visão crítica, partindo para a transformação do contexto vivido.

Nesse sentido, Monteiro (2007) propõe uma correlação das etapas propostas no “Método Paulo Freire” com uma proposta para o desenvolvimento de Círculo da Cultura (Quadro 2).

Quadro 2. Correlação das etapas propostas no “Método Paulo Freire” para o desenvolvimento de um Círculo da Cultura

Método Paulo Freire	Proposta para o Círculo de Cultura
<i>Investigação temática</i>	1. Conhecimento prévio do grupo (conhecimento vocabular).
<i>Tematização</i>	2. Dinâmica de sensibilização e descontração.
<i>Problematização</i>	3. Problematização (apresentação das questões norteadoras); 4. Fundamentação teórica; 5. Reflexão teórico-prática; 6. Elaboração coletiva das respostas; 7. Síntese do que foi vivenciado; e 8. Avaliação de cada círculo.

Fonte: adaptado de Monteiro (2007, p. 68).

Partindo da proposição do Quadro 2, o segundo exemplo é referente a um Círculo de Cultura, como apresentado por Monteiro (2007), e que foi adaptado para o ensino de Ciências. Essa proposta se desenvolve a partir de etapas consecutivas e interrelacionadas (Quadro 3).

Quadro 3. Etapas consecutivas para o Círculo de Cultura de ensino de Ciências

- 1) Conhecimento prévio do grupo (universo vocabular dos alunos):** nesta primeira etapa, próxima à investigação temática freireana, o professor busca conhecer a realidade e os interesses que envolvem os alunos, possibilitando um conhecimento prévio do grupo e do seu universo vocabular no trato com as ações educativas de Ciências, a partir da realidade social e no contexto da sua comunidade. Nesta etapa, surgem “temas geradores”;
- 2) Dinâmica de sensibilização e descontração:** na perspectiva de aproximar professor e alunos, são utilizadas dinâmicas de sensibilização e descontração, de modo a favorecer um ambiente de acolhimento propício a uma construção coletiva;
- 3) Problematização (apresentação das questões norteadoras):** na etapa da problematização, cabe ao professor do Círculo de Cultura deflagrar as discussões a partir de questões norteadoras, construídas com base nos temas geradores apreendidos na primeira etapa de Círculo de Cultura. Esta etapa gera o diálogo, a troca de saberes, com ênfase na valorização do saber popular, nas experiências e modos particulares de lidar com as questões que envolvem o cotidiano humano em suas relações socioculturais;
- 4) Fundamentação teórica:** nesta etapa, é apresentado um conhecimento científico contextualizado com a situação debatida e analisada. Esse conhecimento pode ser abordado a partir de uma adaptação de um material científico com sua devida referência, visando uma maior acessibilidade do grupo ao conteúdo, podendo ser desenvolvido em forma de vídeo, reportagem, cartilha, entre outros;
- 5) Reflexão teórico-prática:** o acesso e a disponibilização do conhecimento científico vêm subsidiar a etapa denominada “reflexão teórico-prática”, que constitui o entrelace dos saberes embasados em um discernimento crítico dessa construção, de modo a contribuir com a ampliação dos conhecimentos e com as perspectivas de novas possibilidades de perceber, lidar e modificar a realidade;
- 6) Elaboração coletiva das respostas:** dando sequência ao Círculo, emerge a fase de socialização dos novos saberes através da retomada das questões norteadoras, com o objetivo de se obter a produção coletiva das respostas;
- 7) Síntese do que foi vivenciado:** com o intuito de contribuir efetivamente para a vivência de um processo intenso de interlocução, porém com precisão quanto à intencionalidade de propiciar o empoderamento e a autonomia dos participantes do grupo, é solicitado aos alunos uma síntese do que foi vivenciado, oportunizando identificar os significados e os dados considerados mais marcantes na ação educativa em Ciências; e
- 8) Avaliação de cada círculo:** todo Círculo de Cultura apresenta, em sua etapa final, a avaliação. Ela é mediada não por um modelo classificatório e pontual, mas por uma autoavaliação quanto à vivência do processo ensino-aprendizagem, com enfoque não só na atuação dos sujeitos, como, também, do professor/mediador/animador dos Círculos de Cultura.

Fonte: adaptado de Monteiro (2007).

A partir dos princípios freireanos, Marinho (2009, p. 52) destaca que, aos participantes em geral, “Cabe questionar e questionar-se, aprender e ensinar, dialogar e existir na essência do aprendizado construído coletivamente”. E, para que a dinâmica dessa metodologia de trabalho possa acontecer de forma efetiva, o professor de Ciências, denominado de coordenador, deveria seguir os seguintes princípios:



- ser pontual;
- criar um clima de confiança e simpatia, possibilitando um espaço mais dinâmico e fecundo;
- assumir uma posição de humildade e nunca autoritária, pois o coordenador aprende com seus participantes;
- devolver ao grupo as perguntas que são feitas, possibilitando a reflexão grupal;
- não emitir opiniões pessoais;
- estimular a fala de todos, inclusive dos tímidos, para um efetivo crescimento crítico do grupo;
- seguir o planejamento das aulas após cada encontro; e
- elaborar um relatório diário sobre o percurso de cada atividade, incluindo as participações, falas e dificuldades.

Fonte: adaptado de Marinho (2009, p. 52).

Com os alunos mais velhos, é interessante dividir a atividade em algumas etapas:

- na organização, o coordenador/moderador organiza a sala, separa os materiais e explica como será a dinâmica;
- na inspiração, o tema é introduzido e explicado de forma didática e instigante;
- na reflexão, perguntas devem ser lançadas e os alunos terão oportunidade para debatê-las;
- na sistematização, eles podem contar quais foram as suas impressões, avaliar seu desempenho e ouvir a opinião do professor; e
- por fim, a avaliação vai tirar dúvidas e encerrar a Roda de Conversa.

Cada turma tem as suas necessidades, cabe ao professor descobrir qual é a melhor forma de conduzir cada passo que será dado. O importante é que a aprendizagem seja compartilhada.



ALGUNS EXEMPLOS E RESULTADOS

O exemplo apresentado consiste em uma dinâmica de Roda de Conversa, realizada pelo PIBID Ciências da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), com os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental II, para discutir o tema “sexualidade na adolescência”. Nesse sentido, o exemplo é caracterizado na forma de um Plano de Aula com as seguintes características (Quadro 4):

Quadro 4. Plano de aula sobre o tema “sexualidade na adolescência”, cuja estratégia de ensino foi uma Roda de Conversa

I. Introdução
<p>1.1) Tema: Sexualidade;</p> <p>1.2) Conceito(s) fundamental(is): a reprodução humana, características e ação hormonal, métodos contraceptivos;</p> <p>1.3) Tempo estimado: 2 aulas de 50 minutos; e</p> <p>1.4) Ano escolar: 8º ano EF II.</p>
II. Objetivos
<p>4.1) Objetivo geral: esclarecer dúvidas recorrentes relacionadas à sexualidade.</p> <p>4.2) Objetivos específicos:</p> <p>a) ao nível de conhecimento – reconhecer a importância da sexualidade em nossa vida;</p> <p>b) ao nível de aplicação – discutir e aprofundar conhecimentos sobre sexualidade; e</p> <p>c) ao nível de solução de problemas – desvendar mitos relacionados à dinâmica corporal, anticoncepção e IST (Infecções Sexualmente Transmissíveis).</p>
III. Materiais
<p>1) Folhas de papel;</p> <p>2) Caixa encapada; e</p> <p>3) Lápis ou caneta.</p>

IV. ESTRATÉGIAS E RECURSOS UTILIZADOS

Aula 1:

- 1) Escrever no quadro os principais tópicos voltados para o tema “sexualidade”, através dos quais os alunos identificarão suas dúvidas a respeito do assunto;
- 2) Explicar aos alunos que deverão elaborar perguntas anônimas para depois serem depositadas em uma caixa; e
- 3) Recolher as perguntas e analisá-las antes da Aula 2.

Aula 2:

- 4) Formar uma “Roda de Conversa” e responder as dúvidas dos estudantes, além de fazer possíveis discussões relacionadas à sexualidade.

V. Relato da Roda de Conversa

Figura 1. Roda de Conversa sobre as dúvidas colocadas na caixa



Para a elaboração das perguntas, alguns estudantes se mostraram bastante tímidos e com dificuldades ao falar sobre o tema, mesmo que as perguntas tenham sido anônimas.

Na Roda de Conversa, os discentes se mostraram interessados sobre o tema. Durante o debate, surgiram novas dúvidas, que foram respondidas ao longo da discussão.

Houve grande entusiasmo e envolvimento dos alunos ao longo da aula.

Fonte: Acervo dos autores (PIBID Ciências – UFVJM/2019).



O que é?

Para Waschauer (2002, p. 47), a Roda de Conversa é “Uma construção própria de cada grupo. [...] Constitui-se em um momento de diálogo, por excelência, em que ocorre a interação entre os participantes do grupo, sob a organização do coordenador”.

Já o Círculo de Cultura, proposto por Freire (2003), é um grupo de trabalho, de pensar juntos, em equipe, com um animador de debates, que participa de uma atividade comum em que todos se ensinam e aprendem, ao mesmo tempo. A maior qualidade desse grupo é a participação em todos os momentos do diálogo, que é o seu único método de estudo nos círculos. É de cultura, porque os círculos extrapolam o aprendizado individual, produzindo também modos próprios e renovados, solidários e coletivos de pensar (BRANDÃO, 2005).

O que diz?

Afonso e Abade (2008) salientam que as Rodas de Conversa são ações e atividades dinâmicas, sendo que suas referências vêm da comunicação entre os autores da psicanálise, da educação, psicologia social, e sua estrutura metodológica se fundamenta e/ou se embasa nas oficinas de interposição psicossocial, objetivando a criação de um ambiente no qual seus integrantes ponderem a respeito da sua rotina. Isso é, de sua junção com o trabalho, com o projeto de vida e com o mundo. Com essa finalidade, as rodas necessitam ser elaboradas com um enquadramento no qual os participantes sejam capazes de se manifestar, procurando vencer seus entraves e seus medos. Para ajudá-los nesse procedimento de ruptura dos obstáculos, bem como oportunizar a interação e a comunicação, pode-se utilizar meios para incentivar o grupo, podendo-se fazer uso de recursos recreativos ou não.

Em relação à abordagem de ensino que utiliza o Círculo de Cultura proposto por Paulo Freire, podemos dizer que constitui uma ideia que substitui a de ‘turma de alunos’ ou a de ‘sala de aula’ (BRANDÃO, 2005). A escolha por desenvolver um Círculo de Cultura visa ensejar uma vivência participativa com ênfase no diálogo, campo profícuo para a reflexão-ação na elaboração coletiva de uma proposta sistematizada para uma educação científica emancipatória.

Como?

Para criar uma Roda de Conversa, o professor deve fazer um planejamento do conteúdo com um objetivo claro, estabelecer as regras e intervir quando necessário, para garantir a compreensão dos alunos. Além disso, é necessário organizar um espaço adequado em que todos estejam confortáveis e possam se ver, bem como escolher assuntos que possam ser desenvolvidos pela turma e trazer dados que possam auxiliar na discussão.

Para o Círculo de Cultura, sugere-se seguir algumas etapas: conhecimento do universo vocabular do discente e de sua comunidade; dinâmica de sensibilização/descontração; problematização; fundamentação teórica; reflexão teórico-prática; construção coletiva dos saberes; síntese do que foi vivenciado e avaliação.

Quais limites e possibilidades?

Mesmo que a Roda de Conversa seja uma prática geralmente mais recorrente na educação infantil, essa atividade ou estratégia de ensino ativa também se torna eficaz quando trabalhada com jovens e adultos, que é o grupo principal dos “Círculos de Cultura”. Assim, é indispensável que o educador consiga adaptar as atividades, baseadas nessas duas estratégias, para um determinado público, buscando trabalhar com temáticas relevantes para a faixa etária dos sujeitos.

É também de suma importância que o professor se atente ao ritmo de aprendizado de cada aluno, pois, em uma Roda de Conversa, os estudantes possuem ritmos diferentes de aprendizado. Da mesma forma, é preciso atenção na moderação da participação para que se dê chances iguais de fala a todos os envolvidos. Assim, é importante que seja criada uma parceria entre os participantes, para que possam estabelecer um ritmo de estudo que englobe todo o grupo.

BIBLIOGRAFIA

AFONSO, M. L.; ABADÉ, F. L. **Para reinventar as rodas**: rodas de conversa em direitos humanos. 1 ed, Belo Horizonte: RECIMAM, 2008.

BEDIN, E.; PINO, J. C. D. Concepções de professores sobre situação de estudo: rodas de conversa como práticas formadoras. **Interfaces da Educação**, v. 8, n. 22, p. 154-185, 2017.

BORGES, R. O. de; CORRÊA, H. P. S. Os momentos pedagógicos associados às dinâmicas em grupo: um relato de experiência com ensino da óptica. **Experiências em Ensino de Ciências**, v. 14, n. 2, p. 88-107, 2019.

BRANDÃO, C. R. **O que é método Paulo Freire**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

JORNADA EDU. Roda de Conversa: como usar essa estratégia na sala de aula. Disponível em: <<https://jornadaedu.com.br/praticas-pedagogicas/roda-de-conversa-como-usar-essa-estrategia-na-sala-de-aula/#:~:text=Para%20criar%20uma%20roda%20de,a%20sua%20compreens%C3%A3o%20dos%20alunos.>>

LOUREIRO, C. F. B.; FRANCO, J. B. Aspectos teóricos e metodológicos do Círculo de Cultura: uma possibilidade pedagógica e dialógica em educação ambiental. **Ambiente & Educação**, v. 17, n. 1, p. 11-27, 2012. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/2422>. Acesso em: 20/11/2020.

MARINHO, A. R. B. **Círculo de Cultura**: origem histórica e perspectivas epistemológicas. 2009. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

MÉLLO, R. P. *et al.* Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa. **Psicologia e Sociedade**, v.19, n.3, p. 26-32, 2007.

MELO, M. C. H.; CRUZ, G. C. Roda de Conversa: uma proposta metodológica para a construção de um espaço de diálogo no Ensino Médio. **Imagens da Educação**, v.4, n.2, p.31-39, 2014.

MONTEIRO, E. M. L. M. **(Re) construção de ações de educação em saúde a partir de Círculos de Cultura**: experiência participativa com enfermeiras do PSF do Recife - PE. 2007. 179 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

MOURA, A. B. F.; LIMA, M. G. S. B. da. A reinvenção da roda: Roda de Conversa, um instrumento metodológico possível. **Interfaces da educação**, v. 5, n. 15, p. 24-35, 2014.

PAIVA, M. R. F.; PARENTE, J. R. F.; BRANDÃO, I. R.; QUEIROZ, A. H. B. Metodologias ativas de ensino aprendizagem: **Revisão integrativa**. Sanare, Sobral, v. 15, n. 02, p. 145-153, 2016.

PAN, M. A. G. S.; ZUGMAN, M. J. 2015. Psicologia e políticas inclusivas na educação: contribuições de uma leitura bakhtiniana. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 15, n. 1, p. 1-20, 2015.

PAN, M.; ZONTA, G.; TOVAR, A.; MALLMANN, L.; CRUZ, A. C. Plantão Institucional: uma proposta de atuação da psicologia junto ao jovem universitário. In. **Anais...** Ponencia presentada en el V Congreso Latinoamericano de Psicología de la ULAPSI, La Antigua Guatemala, Guatemala, Centro América, Maio de 2014.

VIEIRA, A. de R. Rodas de Conversa também são boas estratégias para os adultos. **Nova Escola**, Blog, 2015. Disponível em: <<https://gestaoescolar.org.br/conteudo/1197/rodas-de-conversa-tambem-sao-boas-estrategias-para-os-adultos>>

WARSCHAUER, C. A roda e o registro: uma parceria entre professor, aluno e conhecimento. Rio de Janeiro, RJ: **Paz e Terra**, 2002.

WARSCHAUER, C. Rodas em rede: oportunidades formativas na escola e fora dela. Rio de Janeiro, RJ: **Paz e Terra**. 2001.